

O elfo da rosa

Hans Christian Andersen

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

No meio de um jardim crescia uma roseira inteiramente coberta de rosas, e numa delas, a mais bela de todas, morava um elfo. Ele era tão pequenino que nenhum olho humano podia vê-lo. Atrás de cada pétala da rosa tinha um quarto de dormir; era tão bem-feito e belo quanto uma criança poderia ser e tinha asas que iam dos ombros até os pés. Ah, que perfume havia em seus aposentos, e como eram luminosas e bonitas as paredes! Eram as delicadas pétalas cor-de-rosa pálido.

Passava o dia inteiro se divertindo ao sol quente, voava de flor em flor, dançava sobre as asas da borboleta em voo e media quantos passos precisava dar para percorrer todas as estradas e veredas que havia numa única folha de tília. Eram o que chamamos de nervuras da folha, que ele tomava por estradas e veredas; para ele, eram caminhos sem fim! Antes que terminasse, o sol se pôs; também havia começado muito tarde.

Ficou tão frio, o orvalho caiu e o vento soprou; era melhor voltar para casa. Apressou-se o mais que pôde, mas a rosa havia se fechado, e ele não conseguia entrar: nenhuma rosa estava aberta. O pobre elfinho ficou assustadíssimo; nunca antes havia passado a noite fora, sempre dormira tão bem atrás das pétalas quentinhas. Ah, aquilo certamente seria sua morte!

Na outra ponta do jardim, ele sabia, havia um caramanchão com belas madressilvas. As flores pareciam grandes cornetas pintadas; entraria numa delas para dormir até a manhã seguinte.

Voou até lá. Silêncio! Havia duas pessoas ali dentro: um belo rapaz e a mais encantadora das moças. Estavam sentados um ao lado do outro e desejavam nunca, por toda a eternidade, se separar. Amavam-se muito, muito mais do que a melhor criança pode amar sua mãe e seu pai.

— Mas precisamos nos separar! — disse o rapaz. — Seu irmão não nos quer bem; por isso me manda cumprir uma tarefa tão longe, para lá de montanhas e lagos! Adeus, minha doce noiva, pois é isso que você é para mim!

Então se beijaram, e a moça chorou e lhe deu uma rosa. Mas, antes de entregá-la, apertou nela um beijo tão forte e profundo que a flor se abriu. O elfinho voou para dentro e encostou a cabeça nas delicadas paredes perfumadas. Podia ouvir muito bem os adeuses, adeus, adeus! E sentiu a rosa ser posta sobre o peito do rapaz. Ah, como o coração batia lá dentro! O elfinho não conseguia adormecer, de tanto que ele batia.

A rosa não ficou muito tempo quieta sobre o peito. O rapaz a tirou e, enquanto caminhava sozinho pela floresta escura, beijava a flor. Ah, tantas vezes e com tanta força que o elfinho quase foi esmagado! Através da pétala, sentia como os lábios do rapaz ardiam, e a própria rosa se abria como sob o mais forte sol do meio-dia.

Então apareceu outro homem, sombrio e furioso: era o irmão malvado da bela moça. Tirou uma faca grande e afiada e, enquanto o outro beijava a rosa, o malvado o esfaqueou até matá-lo, cortou-lhe a cabeça e a enterrou junto com o corpo na terra macia, debaixo da tília.

— Agora ele está esquecido e se foi — pensou o irmão malvado. — Nunca mais voltará. Precisava fazer uma longa viagem, por montanhas e lagos; assim é fácil perder a vida, e ele a perdeu. Não voltará mais, e minha irmã nunca ousará me perguntar por ele.

Com o pé, arrastou folhas secas sobre a terra revolvida e voltou para casa na noite escura. Mas não ia sozinho, como pensava: o elfinho o acompanhava, dentro de uma folha seca de tília, enrolada, que caíra nos cabelos do homem enquanto ele cavava a sepultura. Agora o chapéu estava por cima; lá dentro era tão escuro, e o elfo tremia de medo e de raiva por aquela ação horrível.

Ao amanhecer, o homem malvado chegou em casa; tirou o chapéu e entrou no quarto da irmã. Ali estava deitada a bela moça, em flor, sonhando com aquele que tanto amava e que agora imaginava caminhando por montanhas e florestas. O irmão malvado se inclinou sobre ela e riu horivelmente, como um diabo pode rir. Então a folha seca caiu de seus cabelos sobre a colcha, mas ele não percebeu e saiu para também dormir um pouco naquela manhã. O elfo escapou da folha, entrou no ouvido da moça adormecida e lhe contou, como num sonho, o assassinato terrível. Descreveu o lugar onde o irmão o matara e enterrara o cadáver, falou da tília florida ali perto e disse: “Para que você não pense que lhe contei apenas um sonho, encontrará uma folha seca sobre sua cama!” E ela a encontrou quando acordou.

Ah, quantas lágrimas salgadas ela chorou! E a ninguém ousava contar sua tristeza. A janela ficou aberta o dia inteiro; o elfinho podia facilmente sair para o jardim, para as rosas e todas as outras flores, mas não tinha coragem de abandonar a moça aflita. Na janela havia uma roseira de floração frequente; ele se sentou numa de suas flores e ficou olhando a pobre moça. O irmão entrou muitas vezes no quarto, tão alegre e malvado, mas ela não ousava dizer uma palavra sobre a grande dor de seu coração.

Assim que anoiteceu, ela saiu furtivamente de casa, foi pela floresta até onde estava a tília, afastou as folhas do chão, cavou a terra e logo encontrou aquele que fora assassinado. Ah, como chorou e pediu a Nosso Senhor que também pudesse morrer em breve!

Gostaria de levar o cadáver para casa, mas não conseguia. Então pegou a cabeça pálida, de olhos fechados, beijou a boca fria e sacudiu a terra de seus belos cabelos. “Quero ficar com ela!”, disse. Depois de cobrir o corpo morto com terra e folhas, levou a cabeça para casa e também um raminho do jasmim que florescia na floresta onde ele fora morto.

Assim que chegou ao seu quarto, buscou o maior vaso de flores que pôde encontrar, pôs nele a cabeça do morto, cobriu-a com terra e plantou o ramo de jasmim no vaso.

— Adeus, adeus! — sussurrou o elfinho. Já não suportava ver tanta tristeza e por isso voou para o jardim, para sua rosa. Mas sua floração já terminara; só algumas pétalas pálidas pendiam do fruto verde da roseira.

— Ah, como tudo o que é belo e bom acaba depressa! — suspirou o elfo. Por fim encontrou outra rosa, que se tornou sua casa; atrás de suas pétalas delicadas e perfumadas, podia construir e morar.

Todas as manhãs voava até a janela da pobre moça; ela estava sempre junto ao vaso, chorando. As lágrimas salgadas caíam no ramo de jasmim e, a cada dia em que ela ficava mais pálida, o ramo se tornava mais viçoso e verde. Brotos surgiam um após outro, apareciam pequenos botões brancos de flores, e ela os beijava. Mas o irmão malvado a repreendia e perguntava se tinha ficado boba; não gostava daquilo e não entendia por que ela sempre chorava sobre o vaso. Não sabia que olhos estavam fechados nem que lábios vermelhos haviam virado terra. Ela encostou a cabeça no vaso, e o elfinho da rosa a encontrou assim, cochilando. Entrou em seu ouvido e lhe contou da noite no caramanchão, do perfume da rosa e do amor dos elfos. Ela sonhou tão docemente e, enquanto sonhava, a vida se foi: morrera uma morte tranquila; estava no céu junto daquele que amava.

E as flores de jasmim abriram suas grandes campânulas brancas; exalavam um perfume de doçura tão extraordinária! De outra maneira não podiam chorar pela morta.

Mas o irmão malvado olhou a bela planta florida, tomou-a para si como herança e a pôs em seu quarto, perto da cama, pois era linda de ver e seu perfume era tão doce e agradável. O elfinho da rosa foi junto, voando de flor em flor. Em cada uma morava uma pequena alma, e ele lhe contou sobre o rapaz assassinado, cuja cabeça agora era terra debaixo da terra, sobre o irmão malvado e a pobre irmã.

— Nós sabemos! — disse cada alma nas flores. — Nós sabemos! Não crescemos dos olhos e dos lábios do assassinado? Nós sabemos! Nós sabemos! — E faziam um gesto tão estranho com a cabeça.

O elfo da rosa não entendia como elas podiam estar tão tranquilas. Voou até as abelhas que colhiam mel e lhes contou a história do irmão malvado. As abelhas a contaram à sua rainha, que ordenou que todas matassem o assassino na manhã seguinte.

Mas, na noite anterior, a primeira noite depois da morte da irmã, enquanto o irmão dormia em sua cama, perto do jasmim perfumado, cada cálice de flor se abriu. Invisíveis, mas armadas de lanças venenosas, as almas das flores saíram, pousaram primeiro junto ao ouvido dele e lhe contaram sonhos ruins; depois voaram sobre seus lábios e lhe espetaram a língua com as lanças venenosas. “Agora vingamos o morto!”, disseram, e voltaram para as campânulas brancas do jasmim.

Quando amanheceu e, de repente, a janela do quarto foi escancarada, o elfo da rosa entrou com a abelha-rainha e o enxame inteiro para matá-lo.

Mas ele já estava morto. Havia pessoas em torno da cama, e diziam: “O perfume do jasmim o matou!”

Então o elfo da rosa compreendeu a vingança das flores e a contou à rainha das abelhas. Ela zumbiu com o enxame inteiro ao redor do vaso; não conseguiam espantar as abelhas. Um homem tentou tirar o vaso dali, e uma das abelhas lhe picou a mão, fazendo-o soltar o vaso, que caiu e se quebrou.

Então viram a caveira branca e souberam que o morto na cama era um assassino.

E a abelha-rainha zumbiu no ar e cantou sobre a vingança das flores, sobre o elfo da rosa e sobre como, atrás da menor pétala, mora alguém que pode contar e vingar o mal!

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/o-elfo-da-rosa>